

Comentário sobre *A Psiquiatria como Medicina de Relação*, de Thomas Fuchs

A critical comment on Thomas Fuchs's *Psychiatry as a Relational Medicine*

Fabio Caprio Leite de Castro

Resumo

O livro *Psychiatrie als Beziehungsmedizin – Ein ökologisches Paradigma* (Fuchs, 2023) é uma obra incontornável no campo da psiquiatria fenomenológica. Thomas Fuchs consegue, de modo claro e pedagógico, oferecer ao leitor um caminho argumentativo que costura diversos domínios (filosofia da mente, biologia, psicologia e psiquiatria) e múltiplas teorias (teoria sistêmica, autopoiese, enativismo, sinérgica e fenomenologia), mostrando a sua coerência em um paradigma ecológico-integrativo. Propõe-se uma análise crítica dos principais argumentos defendidos no livro, a partir de um modelo ecológico integrativo, para a defesa de que a psiquiatria é uma medicina de relação. Enfatiza-se a possibilidade de integração do paradigma 5e e do modelo sistêmico e fenomenológico à teoria da circularidade causal, vertical e horizontal, o que permite compreender os transtornos da subjetividade incorporada como transtornos de autocompreensão e de interação da pessoa.

Palavras-chave: paradigma ecológico; cognição 5e; enativismo; causalidade circular.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (1): 196-208

Published Online

12 de setembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1202>

Fabio Caprio Leite de Castro

Doutor em Filosofia pela
Universidade de Liège (Bélgica)
Mestre em Filosofia pela PUCRS
Graduação em Direito e em
Filosofia pela PUCRS Membro da
Société Belge de Philosophie, da
Unité de Recherches
Phénoménologies e do Groupe
d'Études Sartriennes (GES-Paris).
Professor do Programa de Pós-
graduação em Filosofia da PUCRS.
Professor visitante da Universidad
Pontificia Bolivariana - Colômbia.

Contato: fabio.castro@pucls.br

Comentário sobre *A Psiquiatria como Medicina de Relação*, de Thomas Fuchs

A critical comment on Thomas Fuchs's *Psychiatry as a Relational Medicine*

Fabio Caprio Leite de Castro

Abstract

The book *Psychiatrie als Beziehungsmedizin – Ein ökologisches Paradigma* (Fuchs, 2023) is an essential work in the field of phenomenological psychiatry. Thomas Fuchs manages, in a clear and pedagogical way, to offer the reader an argumentative path that weaves together different domains (philosophy of mind, biology, psychology and psychiatry) and multiple theories (systemic theory, autopoiesis, enactivism, synergetics and phenomenology), showing their coherence in an ecological-integrative paradigm. We propose a critical analysis of the main arguments presented in the book and based on an integrative ecological model, to defend that psychiatry is a medicine of relation. We emphasize the possibility of integrating the 5e paradigm and the systemic and phenomenological model with the theory of causal circularity, vertical and horizontal, which allows us to understand the disorders of embedded subjectivity as disorders of self-understanding and interaction of the person..

Keywords: ecological paradigm; 5e cognition; enactivism; circular causality.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (1): 196-208

Published Online

12 de setembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1202>

Fabio Caprio Leite de Castro

Doutor em Filosofia pela
Universidade de Liège (Bélgica)
Mestre em Filosofia pela PUCRS
Graduação em Direito e em
Filosofia pela PUCRS Membro da
Société Belge de Philosophie, da
Unité de Recherches
Phénoménologies e do Groupe
d'Études Sartriennes (GES-Paris).
Professor do Programa de Pós-
graduação em Filosofia da PUCRS.
Professor visitante da Universidad
Pontificia Bolivariana - Colômbia.

Contato: fabio.castro@pucrs.br

Introdução

O livro *Psychiatrie als Beziehungsmedizin – Ein ökologisches Paradigma* (Fuchs, 2023) é uma obra incontornável no campo da psiquiatria fenomenológica. Thomas Fuchs consegue, de modo claro e pedagógico, oferecer ao leitor um caminho argumentativo que costura diversos domínios (filosofia da mente, biologia, psicologia e psiquiatria) e múltiplas teorias (teoria sistêmica, autopoiese, enativismo, sinérgica e fenomenologia), mostrando a sua coerência em um paradigma ecológico-integrativo.

Ao longo das últimas três décadas, Fuchs desenvolveu uma concepção antropológica bastante original com notáveis estudos na área da psiquiatria, sendo considerado, atualmente, um dos maiores nomes em psicopatologia fenomenológica. Progressivamente, o seu trabalho desenvolveu-se na direção de uma fenomenologia da corporeidade e da pessoa (Fuchs, 2000), passando por uma crítica ao neurocentrismo, ao reducionismo funcionalista ou ao construtivismo pós-moderno (Fuchs, 2020)¹. A ênfase a um modelo ecológico para uma compreensão não reducionista do cérebro tornou-se mais e mais presente em sua obra (Fuchs, 2008)².

O paradigma apresentado por Fuchs em seu recente livro *Psychiatrie als Beziehungsmedizin* (2023) é, portanto, resultado de um longo processo de elaboração e amadurecimento teórico. Seu objetivo principal é o de responder a uma necessidade da psiquiatria contemporânea, à qual falta uma resposta efetiva ao clássico dualismo mente-corpo – que, ao mesmo tempo, não caia em um perigoso reducionismo neurocêntrico. Além disso, a tese de Fuchs procura pela zona de contato entre a fenomenologia e a perspectiva sistêmica, oferecendo uma concepção esclarecedora sobre (i) a subjetividade/intersubjetividade embasada biologicamente; (ii) os transtornos mentais, entendidos desde um prisma ecológico; e (iii) uma perspectiva ecológica sobre o diagnóstico e as possibilidades terapêuticas, segundo esse modelo.

¹ Para uma resenha sobre o livro *Verteidigung des Menschen* (2020), que reúne artigos acerca destas críticas e em defesa do humanismo, cf. Castro; Jung, 2020.

² Este livro foi traduzido para o inglês (FUCHS, 2018) e, mais recentemente, para o português (FUCHS, 2024). Nos anos de 2023 e 2024, Thomas Fuchs participou do *Ciclo Subjetividade e Cultura* (realizado pela linha de pesquisa em Fenomenologia e Hermenêutica do PPG em Filosofia da PUCRS), no qual ele apresentou, em 2023, a Conferência “*Was wird aus dem Menschen? Plädoyer für einen neuen Humanismus*” (que ele igualmente realizou por ocasião do recebimento do Prêmio Erich Fromm em 2023) e, em 2024, a Conferência “*Psychiatrie als Beziehungsmedizin – Ein ökologisches Paradigma*”. Estas Conferências encontram-se traduzidas e publicadas em FUCHS, 2024a e FUCHS, 2025.

Psiquiatria como “medicina de relação”: um novo paradigma

Como ponto de partida, o livro formula a interrogação sobre por que a psiquiatria precisa de um novo paradigma (Fuchs, 2023, p. 15). Desde a sua constituição na modernidade, a psiquiatria convive com uma ambivalente identidade, como sublinha o aforismo do psiquiatra Martin Roth: “a mais humana das ciências e a mais científica das humanidades”. (*Ibidem*). Na história da psiquiatria, com frequência, o que encontramos é uma tentativa de integração de múltiplos aspectos, que apontam na direção da complexidade do humano.

No entanto, uma das tendências que se tornou muito presente no debate científico sobre o ser humano é o reducionismo, o qual pode ser definido pela seguinte tese: fenômenos ou sistemas com uma organização superior podem ser fundamentalmente explicados e conhecidos por fenômenos ou sistemas de organização menores. Em termos fisicalistas, os acontecimentos do mundo são descritíveis como processos aos quais eles se reduzem. Assim, ao passarmos a um modelo neurológico, essa concepção nos levaria a uma teoria neuroreducionista sobre os transtornos ou doenças do cérebro – que se tornou dominante na psiquiatria ocidental. Do ponto de vista teórico, o neuroreducionismo geralmente está associado ao “epifenomenalismo”, segundo o qual os processos causais eficazes realmente ocorrem no nível neurofisiológico, de modo que as experiências subjetivas como sentimentos, pensamentos ou intenções são, em última análise, apenas epifenômenos, ou efeitos colaterais dos processos cerebrais.

Contrariamente a este modelo, George Engel (1977) desenvolveu o chamado “modelo biopsicossocial”, que pretendia oferecer uma resposta não reducionista e uma compreensão holística da medicina, da psicossomática e da psiquiatria. Fuchs (2023, p. 24) valoriza neste modelo o conceito de “pessoa”, entendida como a totalidade de um organismo, assim como como a unidade das vivências e comportamentos subjetivos. Além do conceito de pessoa, também o conceito de “emergência” é decisivo, no sentido de designar o surgimento de fenômenos de níveis sistêmicos superiores, os quais não poderiam ser explicados meramente pelos processos ou componentes de níveis inferiores. (*Ibidem*). Por meio desse modelo, é possível pensar as doenças e transtornos em três níveis efetuais (*Ibidem*, p. 25-26): como somáticos (perspectiva da 3ª pessoa), vivenciais e comportamentais (perspectiva da 1ª pessoa) e como desadaptação quanto às condições socioecológicas (perspectiva ecológica).

No entanto, os defensores do modelo biopsicossocial não conseguiram oferecer resposta à crescente dominância de um dos três domínios em questão (somático, comportamental, social), os quais, desde a década de 1990, promoveram uma virada cada vez mais reducionista na psiquiatria. O seu modelo teórico termina por se basear em um ecletismo sem uma coerência filosófica – além de não apresentar claramente uma explicitação sobre as relações causais entre os diferentes níveis hierárquicos do organismo (*Ibidem*, p. 26). Diante das novas tendências reducionistas, Fuchs apresenta a necessidade de um novo paradigma que consiga integrar, com orientação filosófica e base empírica, as abordagens mais atuais em ciência cognitiva, fenomenologia, psicologia do desenvolvimento e psicologia socioecológica.

Antes de dar início à apresentação deste paradigma, Fuchs (2023, p. 28-34) oferece ainda um posicionamento conceitual prévio diante de duas concepções que costumam trazer problemas para o reconhecimento teórico de um papel fundamental da subjetividade corporificada em psiquiatria: o “dualismo” e o “epifenomenalismo”. A resposta do epifenomenalismo (redução da subjetividade a processos neurofisiológicos) esconde um perigo no modo como rejeita o dualismo clássico (da separação entre alma e corpo), precisamente pelo reducionismo inconsistente do qual ela é tributária. Na tentativa de superar esse debate, Fuchs (2023, p. 31) apresenta a hipótese de um “pluralismo explanatório”, que não explica os transtornos estritamente por processos neurológicos em uma estrutura causal-linear, mas os situa diante dos diferentes níveis hierárquicos do organismo. Tal tese viabiliza a explicação de uma causalidade independente nos níveis superiores e, de modo circular, torna possível a explicação de uma eficácia “top-down” entre esses diferentes níveis.

A cognição incorporada e o paradigma da cognição “5e”

Uma vez estabelecida a hipótese de um pluralismo explanatório, que é o solo sobre o qual todo o livro se orienta, Fuchs inicia então um percurso teórico que visa construir um paradigma ecológico-integrativo para a psiquiatria. Colocando-se nessa direção, o primeiro passo dado pelo autor é validar e integrar em seu argumento o paradigma oriundo das neurociências cognitivas – que se costuma designar por “5e”. Essa nomenclatura deriva de cinco termos que caracterizam a cognição humana, a partir de aspectos que foram sendo reconhecidos, especialmente a partir dos anos 1980 – quando se efetuou uma aproximação entre filosofia da mente, neurociências e fenomenologia, dado o conjunto de

resultados experimentais no âmbito da cognição incorporada. De acordo com o paradigma da cognição “5e”, a cognição é *embodied* (incorporada), *enactive* (enativa), *extended* (estendida), *embedded* (integrada) e *emotive* (emotiva).

A questão trazida por Fuchs neste capítulo é menos a de explicar esse paradigma, já bastante conhecido no debate em ciências cognitivas, e mais o de mostrar a sua aplicabilidade em psicopatologia. Cada uma das cinco características da cognição humana, apresentadas no paradigma da cognição “5e”, gera como que uma via possível para a abordagem da experiência de transtornos mentais. No caso da cognição incorporada ou corporificada (*embodied*), o exemplo utilizado por Fuchs é a depressão, “cujos sintomas nucleares não são de forma alguma de natureza puramente ‘psíquica’ ou mesmo ‘cognitiva’, mas primariamente somática” (2023, p. 42). Ou seja, em uma concepção dos sintomas depressivos, a descrição de sintomas psíquicas e cognitivos os encontra relacionados a dimensões corporais. Evidentemente, isso não significa que as dimensões psíquicas e cognitivas sejam redutíveis ao biológico, em um sentido fisicalista, mas, de uma forma diametralmente oposta a esse tipo de reducionismo, que os sintomas depressivos não são separáveis da corporeidade que os sofre.

Já em sua análise sobre o enativismo, teoria que originou a tese da cognição enativa (*enactive*), baseada nas noções de autopoiese, adaptatividade e atribuição de sentido, Fuchs (2023, p. 49-50) mostra como, nos transtornos, há uma possível afetação de tais questões – isto é, da relação do organismo com o ambiente. Nesse sentido, a característica que marca a afetação da cognição enquanto enação seria a de uma rigidez e perda de flexibilidade nas interpretações e valorações das mudanças situacionais. Tomando-se por base o modelo sistêmico no qual a concepção enativista foi elaborada, as noções de flexibilidade e rigidez aqui empregadas têm um sentido diverso do que podemos encontrar em concepções mecanicistas, que terminam por reduzir o processo cognitivo à estrutura neurológica envolvida. Uma tal flexibilidade ou rigidez é observável na própria interação da pessoa com o seu contexto social ou familiar, não sendo mero resultado dos processos neurológicos.

No campo da cognição estendida, ou seja, de uma extensão da cognição para um âmbito ampliado, em termos de instrumentos e interações significativas no espaço vivencial, Fuchs (2023, p. 58-59) apresenta novamente o exemplo da depressão. Apresenta também os exemplos da ansiedade, do pânico e do transtorno pós-traumático, para ilustrar o modo como são experienciadas diferentes modalidades de sofrimento e

evitação de objetos e espaços específicos.

O quarto aspecto do paradigma da cognição “5e”, enquanto cognição integrada (*embedded*), também pode levar a uma compreensão dos transtornos mentais. Por este ângulo, a observação orienta-se na direção das influências da cultura nos transtornos psíquicos. Fuchs oferece como exemplos (2023, p. 62-65): (i) a “patoplastia” (*Pathoplastik*) – isto é, a mutabilidade histórica das patologias psíquicas –, como a emergência da histeria ou da anorexia/bulimia em diferentes contextos históricos; (ii) o efeito *looping*, como o “efeito Werther”, sobre o aumento do suicídio após a publicação da obra de Goethe, ou do aumento de casos de “múltipla personalidade”, ou mesmo de *burnout*; (iii) a patogênese da esquizofrenia relacionada a certas questões de ordem social; e (iv) os processos de modernização e aceleração relacionados à depressão.

Por fim, a cognição emotiva, isto é, das emoções entendidas desde o paradigma da cognição incorporada, coloca em relevo o tema qualidades valorativas ou pregnâncias (*Affordanzen*) afetivas junto ao mundo circundante, sob o ângulo centrípeto dos componentes afetivos e sob o ângulo centrífugo dos componentes emocionais (Fuchs, 2023, p. 67-68). No âmbito afetivo-emocional, é possível descrever as qualidades afetivas dos objetos desde a experiência corporal de ressonância com o mundo, pelas afecções perceptivas e emoções. Em psicopatologia, Fuchs exemplifica essa dimensão por meio das relações entre a redução da percepção corporal e distúrbios emocionais, particularmente, na alexitimia ou no transtorno *borderline*.

Da cognição incorporada à subjetividade incorporada

A partir das bases fornecidas pelo paradigma da cognição incorporada, Fuchs propõe, no terceiro capítulo (2023, p. 75-103), um novo passo, na direção da subjetividade incorporada – tomando por base a relação entre a organização biológica e a experiência consciente. Já no capítulo anterior, Fuchs mostrou-se receptivo aos conceitos da autopoiese, mas, aqui, ele é ainda mais explícito quanto a esta teoria biológica de matriz sistêmica (Maturana; Varela, 1995), que afirma o princípio da “auto-organização dos seres vivos”.

Ao longo do capítulo 3, aderindo ao modelo da autopoiese, Fuchs coloca em evidência como a auto-organização pode ser compreendida como uma relação do todo do ser vivo com os seus componentes; examina a maneira como esse todo do ser vivo pode ser pensado como a base para conceber a subjetividade; desenvolve o aspecto do duplo

aspecto do corpo – o corpo objetivo e o corpo vivente (*Körper* e *Leib*) – por meio do qual o ser vivo aparece (e cujo modelo supera o tradicional problema mente-corpo); examina a forma especial de causalidade do ser vivo, que torna possível interpretar a subjetividade como um princípio físico efetivo e não-reducionista.

O mais marcante e original em sua abordagem, no tocante à subjetividade incorporada, é o modo como ele elabora uma teoria causal circular para explicitar a efetividade da subjetividade, com a qual propõe uma releitura da tradicional distinção (oriunda da hermenêutica de Dilthey e de Jaspers) entre o explicar (*Erklären*) e o compreender (*Verstehen*). Mediante a concepção da circularidade causal, é possível explicitar como e por que a explicação e a compreensão não são excludentes, mas complementares.

Trata-se, neste caso, de uma interpretação da tese da circularidade causal a partir da *Sinergética* de Hermann Haken (2013). A originalidade de Fuchs está, precisamente, em mostrar como a subjetividade, enquanto organismo ou sistema vivo, se constitui mediante processos de causalidade circular verticais (“*bottom up*” e “*top down*”) – dada a relação entre o todo do sistema vivo e seus componentes, assim como mediante processos de causalidade horizontal (entre os componentes de um mesmo nível de um sistema vivo), por meio da recíproca interação entre os componentes (Fuchs, 2023, p. 86-91).

Graças a essa teoria causal circular, que se desdobra tanto em um mesmo nível quanto em níveis distintos – desde as partículas subatômicas, passando pelas células, órgãos, até o sistema vivo –, torna-se possível oferecer uma resposta não-reducionista acerca das relações entre o sistema nervoso, o corpo e o ambiente. Isto é, o modo como Fuchs responde ao dualismo e ao epifenomenalismo se dá ao apresentar uma teoria causal ainda mais complexa, não limitada a recortes específicos entre os diferentes níveis de elementos em um sistema vivo.

Há um ingrediente particular nessa concepção, que possibilita a compreensão do modo como essas relações causais se produzem efetivamente: trata-se da dimensão diacrônica da relação entre processo e estrutura. Em uma perspectiva diacrônica, a memória corporificada (hábitos, capacidades, esquemas de interação) forma-se a partir da sedimentação diacrônica da relação entre as estruturas neuronais e os processos vivenciais e comportamentais.

Com a passagem do tempo, tanto as estruturas neuronais modificam os processos,

quanto estes induzem a plasticidade neuronal. Ambas as dimensões (relacionadas ao duplo aspecto do corpo, *Körper* e *Leib*) são essenciais na sedimentação da memória corporal, na forma de uma espiral diacrônica (Fuchs, 2023, p. 97-103). Essa espiral, no entanto, não é rígida, de modo que ela pode ser modificada por um nível mais elevado da organização da subjetividade (que se situa ao nível da pessoa): a autodeterminação. Fuchs (2023, p. 103-105) descreve esta autodeterminação a partir de dois conceitos fenomenológicos: a autocompreensão e a liberdade incorporada.

A intersubjetividade incorporada

Até esse ponto, o modelo explanatório sobre a auto-organização do organismo, sobre o caráter duplo do corpo e sobre a causalidade circular (vertical e horizontal) voltou-se exclusivamente à subjetividade em sua organização e experiência pessoal. Uma vez estabelecido o modelo que, ao mesmo tempo, confere os contornos biológicos da subjetividade e o integra a uma perspectiva cognitiva e corporificada, resta ainda estabelecer o modo como a pessoa, enquanto sistema vivo, se relaciona com outras no mundo. O capítulo 4 do livro tem por objetivo, precisamente, completar esta descrição sobre a subjetividade.

Longe de ser mero aspecto complementar, esta abordagem é, sem dúvida, uma das grandes contribuições de Fuchs – ao mesmo tempo que torna possível ampliar a compreensão sobre como a relação com o ambiente social, em nível pessoal, se realiza sob as mais variadas formas verbais e não verbais de interação, em termos de uma “ecologia social da pessoa” (2023, p. 109). Para a construção deste modelo, dois conceitos se mostram fundamentais: o emparelhamento dinâmico (*dynamische Koppelung*) e a intercorporeidade (*Zwischenleibigkeit*).

A noção de *Koppelung*, que traduzimos por “emparelhamento”³, diz respeito a um processo de interação que pode ser descrito na perspectiva da 3ª pessoa. Trata-se, nesse sentido, de uma dinâmica emergente de interações corporais e conversações, desde a

³ Neste sentido, a tradução poderia também evocar, segundo nossa interpretação, o aspecto objetivo da *Paarung* (emparelhamento) em Husserl (*Hua I*, 1973, §51, p. 141-143), conceito com o qual se enraíza corporalmente a empatia (*Einfühlung*) na fenomenologia da intersubjetividade transcendental. Para Fuchs, o emparelhamento torna possível a sincronização entre a experiência vivida pela própria pessoa e a experiência vivida pela outra com quem ela interage, por meio de um reconhecimento mútuo de experiências próprias de cada um. Portanto, não se deve confundir essa noção de origem fenomenológica com a ideia de “emparelhamento” tipicamente apresentada pelo comportamentalismo, no sentido da associação entre estímulos – por exemplo, de um estímulo neutro a estímulos reforçadores, para que o estímulo neutro se torne um reforçador condicionado.

perspectiva, por assim dizer, de uma “sincronização” objetiva (2023, p. 108-110). No entanto, essa perspectiva sobre a interação não esgota a experiência intersubjetiva, na medida em que esta também se constitui na perspectiva da 1ª e 2ª pessoa (eu-tu) como intercorporeidade – *Zwischenleiblichkeit*. (2023, p. 114).

Desde uma perspectiva fenomenológica, o conceito de intercorporeidade se torna decisivo para descrevermos os processos de sincronização e dessincronia em seus modos de experiência. Tal conceito se desdobra em termos de interafetividade, envolvendo as impressões (afetos) e expressões (emocionais) em um espaço de ressonância intercorporal, no qual cada pessoa tem, desde si mesma, um lugar próprio de ressonância e responsividade.

O espaço de ressonância e de responsividade de cada pessoa, isto é, o seu “nicho pessoal” (*persönliche Nische*), é entendido por Fuchs a partir do que ele chama de “ecologia do espaço vivencial” – que permite fundar uma psicopatologia ecológica. O sofrimento psíquico, como afirma Fuchs, “resulta com frequência, de um transtorno da ressonância social ou dos efeitos responsivos” (2023, p. 120), em algo como uma separação ou afastamento de pessoas e contextos significativos. É nesse sentido que, ainda neste capítulo, Fuchs (2023, p. 121-123) apresenta brevemente exemplos de transtornos, avaliados sob o ângulo da perda de relação e interação: na melancolia, na personalidade borderline, na paranoia e na esquizofrenia crônica.

A defesa de um paradigma psiquiátrico ecológico-integrativo

A partir de uma síntese de todas as etapas argumentativas anteriores, o capítulo 5 apresenta as bases de um “paradigma ecológico-integrativo” em psiquiatria, enquanto modelo ecológico-humano. Como tal, lança uma perspectiva ecológica sobre os transtornos psíquicos, assim como sobre os processos circulares em psicoterapia.

Considerando o ser humano desde uma perspectiva ecológica (que envolve o seu ambiente sociocultural), Fuchs propõe um “naturalismo não-reducionista” (2023, p. 127), de acordo com o qual a pessoa-organismo se situa em um nível hierárquico de sistemas de interação – os quais vão desde o nível subatômico ao nível cultural, integrando os sistemas físico, biológico e sociocultural (2023, p. 128-129). Nesse sentido, a pessoa se situa em uma camada intermediária de processos de interação corporal, constituída por sistemas de interação orgânicos (componentes de seu próprio corpo) em uma unidade corporal, a qual se integra, pela via da relação com o ambiente, a dimensões mais amplas

(como parte das relações sociais e culturais).

Desde essa perspectiva, considerando os diversos níveis elementares constituinte do organismo e suas interações com o ambiente, Fuchs propõe um paradigma ecológico para a compreensão dos transtornos psíquicos, de acordo com as duas formas de circularidade relacional: a vertical e a horizontal (2023, p. 135-138). Nesse sentido, os transtornos psíquicos podem ser interpretados enquanto transtornos da regulação vertical, como transtornos da subjetividade incorporada (que culmina na autocompreensão da pessoa), e enquanto transtornos da regulação horizontal (relativos à interação e à necessidade de relação). Ambas as formas de transtorno se apresentam de maneira circular. Fuchs exemplifica o transtorno de regulação vertical com o “círculo vicioso” da ansiedade e o transtorno de regulação horizontal com “o círculo vicioso interpessoal” na depressão (2023, p. 141-148).

De maneira geral, pode-se colocar o problema: por meio de quais critérios podemos avaliar a saúde ou os transtornos dessas duas dinâmicas de regulação? Fuchs (2023, p. 139-140) oferece os seguintes critérios: resiliência frente à vulnerabilidade, atribuição de sentido, flexibilidade, responsividade, autoeficácia, formação de um nicho pessoal e sentido de coerência. Em contraste, os transtornos psíquicos são marcados por uma excessiva vulnerabilidade, percepção distorcida do mundo (percepções autossuficientes e egocentrismo), rigidez aumentada, perda de ressonância e responsividade, falta de experiência de eficácia (insuficiência e ansiedade), nicho pessoal reduzido ou empobrecido, e perda de sentido.

Nessa perspectiva, os transtornos são descritos a partir dos modelos circulares (vertical e horizontal), considerando as várias camadas constituintes da pessoa-organismo e de sua interação com o mundo circundante. Ademais, a psicoterapia assume, no paradigma ecológico-integrativo, uma perspectiva pluralista, orientada pelos diversos níveis hierárquicos do organismo. Isto é, Fuchs (2023, p. 158-175) assume uma classificação das múltiplas formas de terapia considerando a constituição físico-biológica do organismo, assim como o duplo aspecto da corporeidade e as formas de interação social. A depender do nível em que se pensa o processo terapêutico, a terapia pode assumir a forma de somatoterapia (baseada em psicofármaco); de autorregulação das emoções; de psicoterapia; e das terapias de sistema social.

Considerações finais

A nosso juízo, o livro de Fuchs cumpre a promessa de apresentar um paradigma ecológico-integrativo para a psiquiatria. Do ponto de vista da filosofia da mente, a tese de um pluralismo explanatório oferece um argumento convincente contra o dualismo clássico, assim como contra o epifenomenalismo reducionista. Em relação às neurociências cognitivas, Fuchs demonstra com muita clareza como todos os aspectos do paradigma da cognição “5e” podem fornecer âmbitos de descrição dos transtornos psíquicos desde a orientação da fenomenologia do corpo.

Sem perder de vista o enraizamento biológico da subjetividade, Fuchs propõe uma aproximação entre a perspectiva fenomenológica e a perspectiva sistêmica. Com isso, o seu argumento propõe um âmbito para a abordagem da subjetividade, que reconhece as suas dimensões fenomenológicas, mas não desiste de compreendê-las à luz de uma compreensão biológica. Ademais, sua aposta é, no fundo, a de responder ao reducionismo neurológico (neurocentrismo). Contudo, uma tal resposta somente poderia obter credibilidade oferecendo um modelo explicativo em biologia. Daí o seu empenho na defesa de uma teoria da causalidade circular (vertical e horizontal).

Ademais, uma teoria da subjetividade somente se completa quando se pensa nas relações da pessoa com o mundo – e, portanto, com níveis de circularidade causal que se estendem para o ambiente, a sociedade e a cultura. É nesse sentido que ele apresenta suas decisivas descrições sobre a sincronização, a ressonância e a responsividade. Todos esses elementos se tornam essenciais para uma interpretação ecológica dos transtornos mentais, seja como transtornos da regulação vertical, seja como transtornos da regulação horizontal.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, Fabio Caprio Leite de; Jung, Luã. “Defesa do humano: Questões fundamentais de uma antropologia corporificada, de Thomas Fuchs”. *Veritas (Porto Alegre)*, 65(3), 2020, e39055. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2020.3.39055>
- ENGEL, George L. “The need for a new medical model: a challenge for biomedicine”. In: *Science*, vol. 196, 1977, p. 129–136.
- FUCHS, Thomas. *Das Gehirn – ein Beziehungsorgan. Eine phänomenologisch-ökologische Konzeption*. Kohlhammer: Stuttgart 2008.
- FUCHS, Thomas. *Ecology of the Brain. The Phenomenology and Biology of the Embodied*

- Mind*. Oxford University Press: Oxford, 2018.
- FUCHS, Thomas. *Leib, Raum, Person. Entwurf einer phänomenologischen Anthropologie*. Klett-Cotta: Stuttgart, 2000.
- FUCHS, Thomas. *O cérebro: um órgão relacional*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2024.
- FUCHS, Thomas. “O que acontecerá com o ser humano? Em defesa de um novo humanismo”. (in) CASTRO, Fabio Caprio Leite de; NORBERTO, Marcelo S. (Org.). *Subjetividade e Cultura*. Trad. Débora Spatz e Fabio C. L. Castro. Rio de Janeiro: Nau, 2024a, p. 63-82.
- FUCHS, Thomas. “Psiquiatria como medicina relacional: um paradigma ecológico”. (in) CASTRO, Fabio Caprio Leite de; NORBERTO, Marcelo S. (Org.). *Subjetividade e Cultura*. Trad. Fabio C. L. Castro. Rio de Janeiro: Nau, 2025, p. 11-26.
- FUCHS, Thomas. *Psychiatrie als Beziehungsmedizin – Ein ökologisches Paradigma*. Stuttgart: Kohlhammer, 2023.
- FUCHS, Thomas. *Verteidigung des Menschen: Grundfragen einer verkörperter Anthropologie*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2020.
- HAKEN, Hermann. *Synergetik: Eine Einführung. Nichtgleichgewichts-Phasenübergänge und Selbstorganisation in Physik, Chemie und Biologie*. Berlin: Springer, 2013.
- HUSSERL, Edmund. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge. (Hua I)*. Haag: Martinus Nijhoff, 1973.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento – As bases biológicas do entendimento humano*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psy, 1995.